

41° Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs
23 a 27 de outubro de 2017
Caxambu – MG

°15 GRUPO DE TRABALHO
INTELECTUAIS, DEMOCRACIA E DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

RAYMOND ARON E OS INTELECTUAIS BRASILEIROS

Denizar Amorim Azevedo (FE/UNICAMP)¹

RESUMO: Raymond Aron (1905-1983) foi um dos pensadores mais influentes na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. Sua trajetória intelectual é marcada pelas pesquisas no campo da sociologia, filosofia, ciência política e relações internacionais, e por defender as democracias liberais, além de crítico tanto das sociedades totalitárias quanto dos intelectuais que as defendiam, como era o caso da maioria dos intelectuais franceses de sua época. Assim, o objetivo desse trabalho é explorar um tema pouco estudado no Brasil, a saber, a relação do autor com os intelectuais brasileiros, construída ainda nos anos de 1930, mediante o contato com Júlio de Mesquita Filho (1892-1969), durante exílio político. Aron realizou duas visitas ao Brasil: em 1962, a convite do Itamaraty, e em 1980, nos Encontros Internacionais na UnB, evento publicado no livro *Raymond Aron na UnB* (1980). Os diplomatas Roberto Campos (1917-2001) e José Guilherme Merquior (1941-1991) se destacam pela aproximação com o autor durante os encontros realizados na embaixada brasileira em Londres.

Palavra Chaves: Intelectuais Brasil-França; Raymond Aron, Intelectuais Brasileiros

¹ Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), na Linha de pesquisa Educação e Ciências Sociais. O trabalho proposto faz parte da pesquisa ainda em andamento intitulada *Intelectuais e campo acadêmico: A influência do pensamento de Raymond Aron (1905-1983) na consolidação das Relações Internacionais no PPGRI-UnB* sobre a orientação do Prof. Antonio Carlos Dias Junior. Agradeço ao apoio concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nº do processo: 2016/06897-0. E-mail: denizar.azevedo.09@gmail.com

Introdução²

O objetivo desse trabalho é explorar as relações de Raymond Aron (1905-1983) com os intelectuais brasileiros. O filósofo, sociólogo e jornalista francês foi um dos pensadores mais influentes na França do Pós-Segunda Guerra Mundial. Com uma produção intelectual ampla, o autor se debruçou sobre diversos temas. Na sociologia política, apontou que todas as sociedades modernas são industriais e que as diferenças estariam no nível das instituições políticas, sejam democráticas e liberais ou totalitárias (ARON, 1962, 1964, 1966). Na filosofia, Aron (1948) colocava a questão de que era necessário escolher, necessariamente, entre reformar a sociedade, aprimorando suas instituições, ou revolucioná-la, alterando por completo suas estruturas sociais. No campo das relações internacionais, ele compreendia que o cenário internacional era simbolizado pelo soldado e pelo diplomata, e que a especificidade das relações entre os Estados estaria marcada tanto pela ausência do monopólio legítimo da força quanto pelo uso da guerra para alcançar objetivos políticos (ARON, 1962, 1963, 1967).

Vivendo em uma época marcada pela tensão da Guerra Fria, Aron (1976) criticou os intelectuais franceses por serem omissos em relação às atrocidades praticadas pelo regime soviético e intolerantes com as democracias liberais, notadamente expresso na figura dos EUA. Na concepção do autor, a *intelligentsia* francesa se deixou embriagar pelo marxismo, ao cultivar o que chamou de mitos revolucionários, como o da revolução, do proletariado, da história e da esquerda. Todavia, mesmo defendendo posições liberais, Aron (1983) se mostrou um profundo conhecedor da obra de Karl Marx, autor que o acompanhou por quase toda a sua vida (DIAS JUNIOR, 2013)³.

A metodologia usada nesse trabalho ocorreu tanto pela revisão bibliográfica quanto pelas análises das edições do jornal *O Estado de S. Paulo*, entre o período de 1930 a 2005, disponibilizadas no Acervo Estadão on-line. Foram utilizados, também, os memorandos do Foreign Service Dispatch (U.S. Department of State), disponibilizados na coleção The Henry A. Kissinger Papers, Parts II and III da Yale University Library Digital Repository.

² Agradeço ao Prof. Antonio Carlos Dias Junior pela leitura crítica do texto, contudo, assinalo que o conteúdo apresentado é de minha total responsabilidade.

³ Para um estudo em profundidade sobre a sociologia política de Raymond Aron, Cf. *A sociologia política de Raymond Aron*, tese de doutorado do sociólogo Dias Junior (2013), disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/RE_POSIP/280481>, acessado em 01 de maio de 2017, às 23h52.

Os antigos amigos franceses do *O Estado de S. Paulo*

Após a vitória de Getúlio Vargas (1882-1954) sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, o jornalista e editor do jornal *O Estado de S. Paulo* Mesquita Filho segue para França como exilado político.

Em entrevista concedida ao jornalista francês Gilles Lapouge (1923-), correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, Aron salientava que encontrou Mesquita Filho em Paris nos anos trinta, por intermédio do diretor da École Normale Supérieure, no intuito de realizar estudos sobre os filósofos alemães, como Kant e Hegel.

Para Aron, Mesquita Filho era “um dos representantes mais brilhantes e mais lídimos da burguesia brasileira” (ARON, 1969, p. 14) e reconhecido pela curiosidade intelectual, característica que seria a mais marcante de sua personalidade. Segundo o autor, o jornalista brasileiro era também um grande conhecedor da cultura francesa.

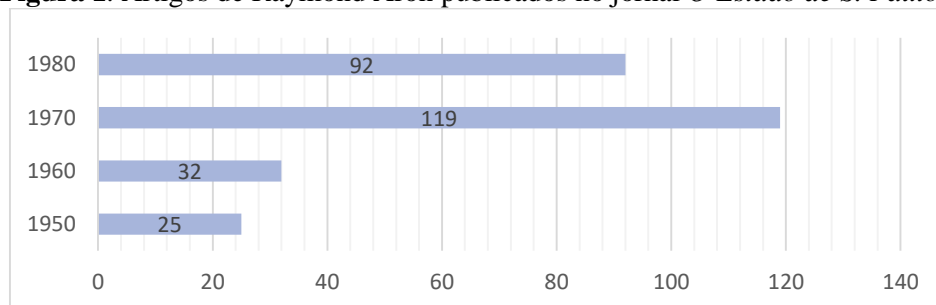
Ainda sobre Mesquita Filho, Aron complementa:

Foi ao mesmo tempo um homem honestíssimo e grandíssimo jornalista. Desde nossas primeiras relações, fiquei impressionado com sua curiosidade intelectual, que o impelia a estudar tanto Kant quanto Hegel. Grande conhecedor da cultura francesa, possuía o sentido de liberdade de espírito e da liberdade expressão, linha que sempre manteve com intransigência, mesmo quando seu País atravessou circunstâncias quase revolucionárias (ARON, 1969, p. 14 *apud* LAPOUGE, 1969).

Em artigo publicado também no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1969, o diplomata Campos relata o “agradável espanto” de Aron ao encontrar-se com Mesquita Filho em Paris. “E não foi Raymond Aron que nos relatou seu agradável espanto, ao ser procurado em Paris pelo jovem ativista e boxeador político, Mesquita, que desejava aprofundar-se nos filósofos alemães?” (CAMPOS, 1969, p. 04).

No início dos anos de 1950 Aron passou a colaborar com o jornal *O Estado de S. Paulo*, onde publicou 268 artigos sobre a conjuntura internacional, entre as décadas de 1950 a 1980. Devemos registrar que além dos artigos, Aron era citado como referência política para se compreender alguns eventos nacionais e internacionais entre os anos 1940 até 2005. As referências a Aron totalizam 145 citações nos editoriais publicados pelo jornal, que abrangem desde posições polemistas do autor em relação à intelectualidade francesa até questões pertinentes à sociedade brasileira, como crítica a alguns movimentos de esquerda.

Figura 1. Artigos de Raymond Aron publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*



Fonte: Acervo Estadão / *O Estado de S. Paulo*

Além das contribuições jornalísticas, Aron (que na época lecionava na Université Paris-Sorbonne) participou da inauguração do escritório do jornal *O Estado de S. Paulo* na cidade de Paris, em 1957, realizado no Maison de l'Amérique Latine. Estiveram presentes importantes intelectuais franceses, como o filósofo Claude Lefort (1924-2010), Marcel Bataillon (1985-1977), então diretor do Collège de France, e Pierre Monbeig (1908-1987), geógrafo e ex-professor da Cadeira de Geografia Física e Humana da USP. Segundo Roger Bastide (1898-1974), ex-professor da Cadeira de Sociologia I da USP, o encontro oportuno reuniu “a velha guarda dos amigos franceses do 'Estado'” (BASTIDE, 1957, p. 01).

Depois da ruptura democrática realizada pelo Golpe de 1964 – orquestrado por grupos ligados a civis e militares no dia 31 de março –, Mesquita Filho (antes do célebre editorial publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (13/12/1968), intitulado “*Instituições em frangalhos*”, que serviu como estopim para a censura e repressão política não apenas do seu jornal, mas aos demais periódicos brasileiros) escreve uma carta à Aron no dia 11 de abril de 1964, solicitando uma análise sobre o movimento político realizado no Brasil.

Na ocasião, escreve Mesquita Filho a Aron.

Sobre a nossa conversa ao telefone de hoje, eu me permito renovar o convite feito em nome do jornal que dirijo, para que você possa vir observar por si mesmo o que se passa atualmente em nosso país. Eu considero sua presença aqui como muito importante, dada a incompreensão com a qual, infelizmente, a imprensa francesa analisa nossa Revolução. Com sua visão e perspicácia, tenho certeza, meu caro amigo, que irá prestar um enorme serviço à causa da amizade franco-brasileira, e à democracia em geral, ao constatar pessoalmente a natureza dos eventos, as causas que os determinaram e seus prováveis resultados. O Brasil, sem dúvida, é uma potência que pesa no destino do mundo, e no qual a passagem para a órbita do autoritarismo de esquerda poderia, indiscutivelmente, abalar a estratégia ocidental. Por tais razões, creio que

o sacrifício em interromper seu curso na Sorbonne será recompensado por sua ação como jornalista que poderá esclarecer a opinião pública francesa, e também da Europa sobre o que se passa no momento em meu país e as consequências do perigo que ameaça o equilíbrio do continente americano, necessário ao equilíbrio mundial. Com a certeza, querido amigo, que você se mostrará disposto a prestar esse grande serviço ao Brasil permito-me exprimir meus mais profundos agradecimentos, pedindo que dê minhas saudações à Madame Aron que, naturalmente, está incluída neste convite. (Julio de Mesquita Filho, Arquivos Pessoais de Raymond Aron, caixa 237 11/04/1964 *apud* DIAS JUNIOR, 2013, p. 127)

No dia 27 de abril de 1964, Aron respondeu à Mesquita Filho comunicando-lhe a impossibilidade de visitar o Brasil porque já havia um correspondente de seu jornal no país. O autor também ponderava sobre a conjuntura política brasileira, e apontava a necessidade de aguardar mais alguns meses para uma possível visita ao país, quando a situação estivesse mais estável politicamente.

Em resposta à Mesquita Filho, Aron diz que:

Caro amigo. Agradeço por sua carta de 11 de abril, e digo que sou sensível aos seus sentimentos. A complexidade da situação me escapa, e não estou certo em subscrever aos julgamentos apressados que estão sendo formuladas aqui ou na imprensa francesa. Faço o que posso para alertar *Le Figaro*. No que concerne a uma viagem ao Brasil, isso é duplamente impossível no momento. De um lado *Le Figaro* que, além de seu correspondente habitual, enviou o senhor M. Closs, e seria impossível publicar qualquer coisa a este respeito no jornal. Depois, parece-me que a situação brasileira é atualmente confusa para que se possa formular um julgamento categórico sobre as perspectivas abertas pelos eventos recentes. Parece-me mais favorável visitar seu país daqui a alguns meses, assim que a situação for decantada, para que seja menos difícil apresentar conclusões a partir de uma análise objetiva. Creia nos meus sentimentos de amizade. (ARON, 27/04/1964, Arquivos Pessoais de Raymond Aron, caixa 237 *Apud* DIAS JUNIOR, 2013, p. 127)

O contato de Aron com os intelectuais brasileiros também ocorreu durante as atividades discentes e nos seminários realizados na França, a exemplo do ex-presidente e sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1931-). Cardoso assistiu às aulas de Aron em duas ocasiões, em 1961 e na década de setenta. Na segunda oportunidade, o ex-presidente sublinha que esteve em Paris como exilado político do regime militar brasileiro. Nessa época, buscou também reatar os laços intelectuais com os antigos pensadores franceses que fundaram a USP. Segundo o sociólogo brasileiro, o “local onde noutros andares funcionavam alguns seminários da École des Hautes Études en Sciences Humaines e onde,

anos antes, assistira aos seminários de Alain Touraine, Raymond Aron e Michel Crozier” (CARDOSO, 2013, p. 01).

Contudo, o ex-Presidente lembra que seu contato com o pensamento de Aron ocorreu quando ainda era aluno do sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP). Durante a graduação em ciências sociais, Cardoso relata que leu a obra *Sociologie Allemande Contemporaine* (1935) de Aron: “Em sociologia, Florestan nos fazia ler Mannheim, Dilthey, algo de Weber, o manual de Freyre, o livro do Aron sobre a Sociologia Alemã” (CARDOSO, pp. 68-69, 2006). Sobre o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, Cardoso ressalta a influência do pensamento de Aron na sua formação intelectual.

Gilberto Freyre exibía conhecimento também da literatura francesa contemporânea, especialmente Raymond Aron e Georges Gurvitch, na época o "papa" da Sorbonne (...) Freyre achava que além de tomar em conta o passado e ver como ele se reproduzia ou se modificava no presente, as análises deveriam incluir as orientações e visões que os homens anteviam e como vislumbravam o futuro. Foi buscar em Gurvitch e Aron a noção de que o entrelaçamento entre as condições sociais e as "construções mentais" é importante (...). Chama também a atenção que Gilberto Freyre ao tentar construir um método para juntar compreensão à interpretação, de indagar, portanto, sobre o sentido das ações sociais e não só sobre seu encadeamento causal, não faça qualquer referência a Max Weber (a quem Gilberto Freyre conhecia, se mais não fosse, por ser familiarizado com o livro de Aron sobre *A Sociologia Alemã* e por ser *Ordem e Progresso* posterior ao admirável *Raízes do Brasil*, no qual Sergio Buarque faz ampla utilização dos conceitos weberianos) (CARDOSO, 2010, p. 10)

Entre os cientistas sociais que atribuem à Aron grande importância para a formação intelectual, está a socióloga e professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), Elisa Reis. Ao discutir sobre os principais autores que contribuíram para sua formação, Reis afirma que: “Entre os [cientistas sociais franceses] mais velhos, Raymond Aron sem dúvida me influenciou também” (REIS, 2006, p. 265). A autora se refere ao sociólogo francês como “o exemplo de um clássico contemporâneo, Raymond Aron, que se definiu como um espectador engajado, é ilustrativo de que tende a persistir um compromisso político-moral explícito na tradição da sociologia política de orientação histórica” (REIS, 2015, p. 26).

De Harvard para o Itamaraty

De acordo com o trabalho de Dias Junior (2013), a primeira visita de Aron ao Brasil ocorreu em 1962, entre os dias 12 a 28 de setembro. A chegada do autor foi amplamente noticiada por diversos jornais brasileiros, como *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *O Globo*.

Tabela 1. Visita de Raymond Aron ao Brasil em 1962

| | |
|----------------|--|
| 12 de setembro | Chegada de New York (USA) ao Rio de Janeiro, RJ |
| 13 de setembro | Faculdade Nacional de Filosofia*, Rio de Janeiro, RJ |
| 14 de setembro | Itamaraty** |
| 15 de setembro | Escola Superior de Guerra (ESG), Petrópolis, RJ |
| 17 de setembro | Univ. de Brasília (UnB), Brasília, DF |
| 19 de setembro | Universidade da Bahia***, Salvador, BA |
| 21 de setembro | Instituto Joaquim Nabuco, Recife, PE |
| 24 de setembro | SUDENE****, Recife, PE |
| 26 de setembro | Universidade de Porto Alegre*****, Porto Alegre, RS |
| 27 de setembro | Retorno ao Rio de Janeiro, RJ |
| 28 de setembro | Retorno para Paris, França (FRA) |

Fonte: Dias Junior (2013); Jornal Correio da Manhã (09/08/1961;13/09/1962;14/09/1962). (*) Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro; (**) Sede no Rio de Janeiro, RJ. (***) Atual Universidade Federal da Bahia; (****) Realização de visita; (*****) Atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

De acordo com a reportagem (13/09/1962) do *Correio da Manhã*, no dia 12 de setembro de 1962, numa quarta-feira, Aron desembarcou no Aeroporto Internacional Tom Jobim da cidade do Rio de Janeiro (RJ), e foi recepcionado pelo diplomata Francisco Lima e Silva (1936-), então representante do Itamaraty.

Na ocasião, o autor chegou de New York e na cidade do Rio de Janeiro realizou uma conferência na Faculdade Nacional de Filosofia (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), com tema *Teoria do desenvolvimento e ideologias de nosso tempo* (La théorie du développement et des problèmes idéologiques de notre temps) (DIAS JUNIOR, 2013).

Dias Junior pondera que o tema da primeira palestra não era fruto da demanda intelectual existente no Brasil, pois o pedido inicial realizado a Aron era sobre o motivo de não ser adepto ao pensamento marxista. Segundo Dias Junior, o autor se recusou a discutir o pensamento marxista nesses termos propostos pelo convite. Em contrapartida, a preocupação de Aron consistia em refletir sobre como o marxismo se transformou em ideologia, a exemplo do marxismo-leninismo praticado pela URSS. E que, apesar das distorções realizadas pelo regime soviético no pensamento marxista, havia no interior do

pensamento de Karl Marx contribuições singulares e criativas para o pensamento e teoria social.

O convite para a conferência na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro sugeria que Aron baseasse sua fala na seguinte pergunta: “Porque não sou marxista”? Aron responde que o tema “Teoria do desenvolvimento e ideologias de nosso tempo” seria mais adequado (DIAS JUNIOR, 2013, p. 123)

Segundo as reportagens do *Correio da Manhã* (13/09/1962) e de *O Estado de S. Paulo* (12/09/1962), Aron realizou mais duas conferências na cidade do Rio de Janeiro. Uma na Escola Superior de Guerra (ESG), com o título “*La diplomatie à l’âge termo nucléaire*”, e outra na antiga sede carioca do Itamaraty, com o título “*Mercado Comum Europeu*”. Segundo as reportagens (09/08/1961 e 15/09/1962) do antigo jornal carioca *Correio da Manhã* (1901-1974), o sociólogo e filósofo francês foi convidado pela Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty, para participar das conferências intituladas “*Visitas Intelectuais*”. Essas conferências foram inauguradas após a visita de Henry Kissinger ao Brasil.

Informou o Itamaraty que o professor Henry Kissinger, especialista em guerra de guerrilhas, proferirá conferências no Instituto Rio Branco e na Escola Superior de Guerra. Sua chegada ao Rio será próximo dia 30. Com essa visita, a Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty iniciará um ciclo de estudos sobre o título de “*Visitas Intelectuais*”, o qual terá, como outros convidados, os professores Raymond Aron, da Sorbonne, e Walter Rostow, especialista em política internacional e estratégia (O ESTADO DE S. PAULO, 13/05/1962)

A palestra de Aron no Itamaraty sobre o Mercado Comum Europeu nos remete ao ambiente político que o Brasil vivenciava. Nossa hipótese interpretativa está orientada pelo argumento de que existe uma afinidade eletiva entre o contexto da viagem de Goulart aos EUA, para encontrar com o presidente Kennedy (1917-1963), e a visita de Aron ao Brasil. O fio condutor que conecta esses dois eventos (e que nos auxilia na construção dessa afinidade eletiva) é a figura do diplomata Roberto Campos.

Aron construiu relações de grande proximidade com alguns diplomatas do Itamaraty, em especial, Campos. Entendemos que esse diplomata brasileiro não foi apenas um dos responsáveis pela visita de Aron ao Brasil, mas também participou, em alguma medida, da escolha do tema da sua palestra no Itamaraty. Por sua vez, para entender as afinidades eletivas entre Campos e Aron, devemos considerar outra personalidade pública

importante na época, a saber, o assessor político do presidente John Kennedy, Henry Kissinger (1923-).

Em 1961, tanto o diplomata brasileiro quanto o filósofo e sociólogo francês estavam nos EUA: Aron de licença sabática da Université Paris-Sorbonne, atuando como *research professor* na Harvard University, período em que redigiu uma parte da obra *Paix et guerre entre les nations* (1962) (ARON, 1983); e Campos a serviço da embaixada brasileira em Washington (D.C.), onde teve contato com Kennedy e seus assessores políticos (CAMPOS, 1994).

Sobre esse período, Aron destaca:

Na Sorbonne, após os três cursos sobre a sociedade industriais, consagrei os dois seguintes às relações internacionais. Esses dois cursos, gravados e datilografados, correspondem às duas primeiras partes de *Paix et guerre*, a saber a ‘Teoria’ e a ‘Sociologia’. Tirei em seguida um ano de licença e passei um semestre como research professor em Harvard (...). Meditei sobre esse livro durante uns dez anos. Foi para escrevê-lo que passei um semestre em Harvard (ARON, 1983, pp. 492-495).

Atuando na Harvard University, Kissinger constituiu amizade com Aron desde a década de 1940. Aron salienta que sempre acompanhou a trajetória de Kissinger, e que, quando viajava para os EUA, o encontrava em sua residência pessoal para discutir os temas relacionados à política internacional⁴.

Henry Kissinger visitara-me lá para o final dos anos quarenta, quando era recém-formado da Harvard University, quando organizava uma revista, a *Confluence* (...). Eu frequentei sua casa em Cambridge quando fui research professor durante um semestre na Harvard University (...). Devido à diferença de idade, ele sempre teve comigo uma atitude de caçula, até mesmo de estudante. Ele nunca foi meu aluno, mas aproveitou *Paix et Guerre* (ARON, 1983, pp. 671-672)

⁴ Kissinger nutria grande admiração por Aron, e o considerava como “o grande filósofo e cientista político francês” (KISSINGER, 1994, p. 595). Em 1967, Kissinger escreveu a resenha “*Raymond Aron, Peace and War: The Theory of International Relations*” da obra “*Paix et guerre entre les nations*” (1962), publicado no jornal norte-americano *New York Times*. Em troca de cartas pessoais, Kissinger disse à Aron que “pensou que gostaria de ver uma resenha no *New York Times*” (Cf. Henry A. Kissinger papers, part II. Series I. Early Career and Harvard University, Box: 280 Folder: 5. Acessado em <<http://findit.library.yale.edu/catalog/digcoll:563953>>. Yale University Library Digital Repository). Acesso em: 01 de maio de 2016, às 23h02. Outra contribuição para a difusão do pensamento de Aron nos EUA ocorreu com a publicação obra *Mémoires* (1983) em língua inglesa, com a participação decisiva do editor Max Holmes (Cf. Collection Name: Henry A. Kissinger papers, part II. Series Title: Series III. Post-Government Career. Box: 713. Foreword to Memoirs: Fifty Years of Political Reflection by Raymond Aron, Jan 1990. Yale University Library Digital Repository).

Segundo Campos, o círculo intelectual da Casa Branca era influenciado pelos pesquisadores ligados tanto a Harvard University quanto a Yale University. Entre os intelectuais, o diplomata destacava a atuação de Kissinger que “viria a tornar-se o mais influente dos secretários de Estado da recente história americana, responsável por decisões cruciais de política externa” (CAMPOS, 1994, p. 456). Diante do ambiente intelectual que envolvia a Casa Branca, Campos complementa que “percebi logo que minha melhor chance seria enfatizar minhas vinculações acadêmicas, pois vários dos assessores de Kennedy tinham sido recrutados no ambiente universitário, principalmente de Harvard” (CAMPOS, 1994, p. 456-457)⁵.

No âmbito das relações bilaterais, Loureiro (2013) aponta que os EUA acompanhavam de perto as ações diplomáticas do Brasil durante o período nacional-desenvolvimentista⁶. E, de acordo com Neto, Kennedy chegava à Casa Branca num contexto internacional marcado pela “aparente vantagem para o bloco soviético” (NETO, 2015, p. 03)⁷. O autor também compreende, no entanto, que Kennedy interpretava as ações de Quadros como “o máximo que os Estados Unidos poderiam aceitar” no cenário internacional, ou seja, como “um movimento tático, mas com garantias de que não haveria contaminação ideológica na sociedade” (LOUREIRO, 2013, p. 572).

Mesmo sabendo das irregularidades do Brasil com o FMI⁸, Kennedy decidiu oferecer empréstimos do Export-Import Bank of the United States (Eximbank) de US\$ 100

⁵ Em 1947, Campos esteve nos EUA pela primeira vez, período em que realizou paralelamente às atividades oficiais o curso de economia na George Washington University (GWG). Sua aproximação com Harvard ocorreu inicialmente devido à sua admiração por Joseph Schumpeter (1883-1950). Ao enviar sua proposta de pesquisa, Campos sublinha que: “Schumpeter respondeu-me com palavras de encorajamento, chegando mesmo a dizer que o montante de pesquisa que eu já havia feito era suficiente para uma tese doutoral, ao invés de uma simples tese de mestrado” (CAMPOS, 1994, p. 49). Campos também teve grande proximidade com Kissinger, a exemplo da recepção pessoal durante a visita deste realizada à cidade de Brasília, em 1981 (Cf. CAMPOS, 1994, pp. 1019-1025).

⁶ O nacional-desenvolvimentismo configurou-se pela compreensão segundo a qual o desenvolvimento social na sociedade brasileira estava atrelado à busca, na esfera internacional, de investimentos estrangeiros. Defendia-se a tese de que a política externa teria um papel central não apenas por resolver os problemas nacionais ligados à esfera econômica, mas à transformação social, como a eliminação da pobreza e atenuação das desigualdades sociais (MANZUR, 2014).

⁷ Esse clima internacional foi construído devido ao processo de escalada do comunismo em diversos países, como a sovietação a partir de 1947 dos países do Leste Europeu, a Revolução Chinesa em 1949, o conflito das coreias em 1950 a 1953 e a Revolução Cubana em 1959. Acrescenta-se também a adesão de Cuba ao bloco soviético depois da derrota militar dos EUA, em abril de 1961, na invasão da Baía dos Porcos (NETO, 2015).

⁸ Na busca de investimentos estrangeiros, Kubitschek reatou as relações diplomáticas com a URSS, ressaltando a dimensão estratégica e não ideológica com o regime comunista. Em 1959, usando a justificativa de que era necessário atenuar o crescente aumento das taxas de inflação na sociedade brasileira, Kubitschek rompe com o FMI, e posterga, “com isso, os problemas da inflação e da dívida externa para seu sucessor gerenciar (MANZUR, 2014, p. 181) - nesse caso, para os Governos Quadros e Goulart.

milhões ao Brasil⁹, proposta que recebeu críticas calorosas dos analistas financeiros do FMI¹⁰. Contrariando todas as expectativas políticas, Quadros negou o empréstimo, e disse que “os compromissos do Brasil no exterior eram tão grandes que só faria sentido ao país receber fundos dentro de um acordo global com credores, e não de maneira isolada” (LOUREIRO, 2013, p. 552). Em seguida, Kennedy pressionou o FMI e o coagiu a conceder empréstimos ao Brasil sem o cumprimento das exigências que, até então, eram os pilares das relações financeiras da instituição.

Apesar do apoio financeiro e político recebido de Kennedy¹¹, no dia 19 de agosto de 1961, Quadros condecorava, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, o argentino Ernesto ‘Che’ Guevara (1928-1967), um dos protagonistas da Revolução Cubana. No dia 25 de agosto de 1961, Quadros renuncia à Presidência da República. Após o incidente político em torno da posse de Goulart, ocorre a passagem do presidencialismo para o parlamentarismo no Brasil e o então Vice-Presidente assume a presidência da República em setembro de 1961 (LOUREIRO, 2013).

Segundo Loureiro, Kennedy mudou radicalmente sua política externa em relação a Goulart devido as suas relações com os sindicalistas, comunistas ou simpatizantes das ideias marxistas. Com Goulart, Kennedy salientava que só liberaria mais créditos se fossem adotadas medidas estipuladas pelo FMI, como vistas de inspeção das contas públicas. Essa nova postura também foi seguida pelos demais credores internacionais, como os países da Europa e Japão. Com Goulart à frente do Palácio do Planalto, “os créditos norte-americanos estariam sendo liberados em troca do compromisso do Brasil de ‘cumprir o plano de estabilização acordado com o FMI’” (LOUREIRO, 2013, p. 567).

⁹ Em relação ao Brasil, Loureiro salienta que Kennedy pretendia “transformar Jânio Quadros em um fiel aliado norte-americano no hemisfério e em símbolo da Aliança para o Progresso”. O autor aponta também o receio do então vice-presidente dos EUA, Lyndon B. Johnson (1908-1973) sobre a posição estratégica do Brasil no continente Americano: “Se o Brasil virar comunista, teremos uma segunda China no mundo, e não uma segunda Cuba” (LOUREIRO, 2013, p. 550).

¹⁰ Segundo Neto, o FMI foi o principal empecilho político no início das negociações das dívidas do Brasil com os credores internacionais. Com duras críticas a Quadros, o FMI salientava que o governo brasileiro não o deixava realizar visitas para acompanhar de perto das finanças públicas praticadas pelo Estado brasileiro, pois não havia metas de controles de gastos públicos. Neto destaca que, na verdade, Quadros não permitiu a visita do FMI ao Brasil porque temia perder o apoio político de alguns setores da sociedade brasileira.

¹¹ A atuação de Kennedy também se estendeu aos credores do Japão e Europa, que adotaram posições financeiras “mais flexíveis com a administração de Quadros” (LOUREIRO, 2013, p. 560). Loureiro salienta que a postura de Kennedy de exercer pressão junto ao FMI, Japão e Europa rendeu ao Brasil cerca de US\$ 300 à US\$ 628 milhões (LOUREIRO, 2013).

Nesse clima de tensão diplomática¹², no mês de abril de 1962, Goulart chega a Washington para se encontrar com o presidente norte-americano Kennedy. A Casa Branca interpretava a chegada “como uma oportunidade para tentar convencer Goulart a mudar sua abordagem diante dos comunistas, principalmente no meio sindical”. Mas essa motivação de Kennedy não surgiu efeito em Goulart, pois “um Presidente como ele, que quase havia sido deposto pelas forças armadas, não poderia dispensar esse tipo de apoio [político]” (LOUREIRO, 2013, pp. 570-571).

O encontro entre Kennedy e Goulart foi mediado por Campos, com a participação dos diplomatas Moreira Salles (1912-2001), San Tiago Dantas (1911-1964), Gibson Barbosa (1917-2007) e Hugo Gouthier de Oliveira Gondim (1909-1992). Campos relata que ficou com a responsabilidade de elaborar uma análise sobre as relações bilaterais entre os EUA e Brasil. Depois de conversar com San Tiago Dantas, Campos reelabora e sintetiza, em onze tópicos, os temas que conduziram a conversa entre os dois presidentes (Cf. Tabela 2, a seguir).

Os preparativos foram meticulosos. Enviei a San Tiago Dantas o projeto de um memorando com uma análise assaz completa dos problemas de nosso relacionamento com os Estados Unidos, com recomendações específicas sobre cada um deles. – Mas são 32 duas páginas – telefonou San Tiago. Jango jamais lerá esse catatau! Envei-lhe então um compacto em cinco páginas de que ele me pediu, ao chegar a Washington, que fosse comprimido em três páginas, praticamente um roteiro de discussão (CAMPOS, 1994, p. 476)

Ainda de acordo com Campos, o encontro entre os presidentes ocorreu de modo protocolar. Os temas que avolumaram a conversa entre Goulart e Kennedy foram referentes à Aliança para o Progresso (Alliance for Progress)¹³ e ao Mercado Comum

¹² Para Loureiro, as relações bilaterais entre os EUA e Brasil também foram abaladas quando Cuba aderiu completamente ao bloco socialista em dezembro de 1961, adotando, inclusive, *o modus operandi* dos regimes socialistas, como estatização da economia, existência de único partido – o Partido Comunista Cubano. O episódio em questão ocorreu em janeiro de 1962, na VIII Reunião de Ministros das Relações Exteriores realizada no Uruguai, na cidade de Punta del Este, onde Cuba foi retirada The Organization of American States (OAS), e do Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance (IA-TRA). Segundo Neto, a política externa brasileira, agora levada a cabo por Goulart e seu ministro das relações exteriores Francisco Clementino de San Tiago Dantas (1911-1964), defendia que Cuba recebesse o status de neutralidade, similar ao que havia em alguns países da Europa, como Finlândia e Suécia. Dantas defendia também que não fosse realizada intervenção e nem sanções à Cuba, e recorria ao direito internacional para justificar a postura brasileira. A postura do Brasil foi seguida pelo México e Argentina, que também eram países contrários às punições. Diante do impasse, Brasil, Argentina e México se abstiveram da votação em janeiro de 1962.

¹³ A instituição responsável em receber os recursos da Aliança para o Progresso era a Superintendência do desenvolvimento do Nordeste (Sudene), fundada em 1959 para o desenvolvimento da região nordeste brasileira, tendo Celso Furtado (1920-2004) desenvolvido atividades desde sua fundação até o Golpe Militar em 1964. A visita de Goulart em abril de 1962 resultou em “US\$ 131 milhões, como parte de um programa

Europeu, onde os EUA “explicita o apoio à conclusão de um acordo mundial sobre café e gestões conjuntas junto (...) para a eliminação dos excessivos impostos que oneram o custo dos produtos de base latino-americanos” (CAMPOS, 1994, p. 480).

Tabela 2. Roteiro de Roberto Campos para o encontro entre Goulart e Kennedy (1962)

| | |
|-----|--|
| 1° | Política Exterior 1. Sistema Interamericano e o problema de Cuba; 2. Integração latino-americano |
| 2° | Problemas de natureza econômica: Aliança para o Progresso |
| 3° | Fundo de estatização das receitas de exportações |
| 4° | Acordo a longo prazo de café |
| 5° | O problema de suprimento de trigo norte-americano |
| 6° | O problema das exportações brasileiras de açúcar para os EUA |
| 7° | Balço de pagamento e empréstimos para o desenvolvimento econômico |
| 8° | Medidas internas brasileiras. Racionalização na cafeicultura |
| 9° | Investimentos privados norte-americanos nos serviços públicos no Brasil |
| 10° | Comunidade Econômica Europeia Restrições as importações de produtos latino-americano |
| 11° | Mercado Comum Europeu. Apoio à posição dos países subdesenvolvidos |

Fonte: Campos (1994, pp. 474-485)

De todos os tópicos, o último intitulado “*Mercado Comum Europeu. Apoio à posição dos países subdesenvolvidos*” ganha expressão nesse trabalho porque foi o mesmo tema da palestra de Raymond Aron no Itamaraty em setembro de 1962.

Chegou ontem ao Rio, procedente de New York, o Sr. Raymond Aron, professor da Sorbonne e do Instituto de Ciência Política de Paris, a convite do Governo Brasileiro, a fim de pronunciar uma série de conferências em diversos Estados. Foi recebido no Galeão pelo representante do Itamaraty, cônsul Francisco Lima e Silva. O prof. Aron pronunciará uma palestra, amanhã, no Itamaraty, abordando o tema 'Mercado Comum Europeu' (CORREIO DA MANHÃ, 13/09/1962, p. 03)

A embaixada brasileira em Londres foi palco de inúmeros encontros com intelectuais de diversas áreas do conhecimento. Segundo Campos, a embaixada brasileira se tornou um “salão intelectual provocante e manteve intensa atividade cultural, facilitada pela frequente visita a Londres de artistas, intelectuais e políticos brasileiros” (CAMPOS,

global de US\$ 276 milhões” (CAMPOS, 1994, p. 481) para o projeto Operação Nordeste. A título de nota, devemos salientar que Henry Kissinger fez a primeira visita ao Brasil em 1962, entre os dias 31 de maio a 17 de julho. Em Pernambuco, Kissinger foi recepcionado pelos sociólogos Gilberto Freyre (1900-1987), pelo Governador Cid Sampaio (1910-2010) e pelo economista Furtado. (Cf. Foreign Service Dispatch. FROM: American Consulte General, Recife (PE), n° 190. Subject: Visit of Dr. Henry Kissinger to Recife, June 14-16, 1962. TO: The Department of State, Washington D.C.).

1994, pp. 1020)¹⁴. Nesse contexto, o autor salienta que nutria grande admiração por Aron, e o via como um “liberal solitário, que manteve viva a causa do liberalismo, num momento em que a intelligentsia francesa se deixava seduzir pelo marxismo existencialista de Jean Paul Sartre e Louis Althusser” (CAMPOS, 1994, p. 1024).

Em um artigo publicado em 1999, no jornal *Folha de S. Paulo*, Campos relembra um desses encontros na embaixada brasileira em Londres, marcados por debates à luz do pensamento liberal. Na oportunidade, estavam Aron, Dahrendorf, Gellner e Merquior¹⁵.

Era uma crepsa noite de inverno londrino. Eu tinha convidado para um jantar na embaixada brasileira, ao fim dos anos 70, o grande filósofo liberal francês Raymond Aron e dois sociólogos radicados na Inglaterra, Ralf Dahrendorf e Ernest Gellner, este último professor de José Guilherme Merquior, meu conselheiro de embaixada (CAMPOS, 1999, p. 01).

Segundo o autor, entre os brasileiros, “a figura intelectualmente mais marcante” (CAMPOS, 1994, pp. 1020-21) era a do diplomata Merquior, que na época realizava os seus estudos na London School of Economics and Political Science¹⁶. Segundo Dias Junior, quando Aron se referia à figura de Merquior, dizia que ele era “o brasileiro que leu tudo e tudo entendeu” (DIAS JUNIOR, 2013, p.189).

De l'Education Politique

A segunda visita de Aron ao Brasil foi realizada em 1980 a convite da Universidade de Brasília para a participação de um dos *Encontros Internacionais*¹⁷. No primeiro dos

¹⁴ Podemos citar Gilberto Freyre, Jorge Amado (1912-2001), Antônio Olinto (1919-2009), Eugênio Gudin (1886-1986), Friedrich Hayek (1899-1992), Lionel Robbins (1898-1984), James Edward Meade (1907-1995), Nicholas Kaldor (1908-1986), Hans Singer (1910-2006), Asa Briggs (1921-2016), Samuel Finer (1915-1993), Ralf Dahrendorf (1929-2009), Indraprasad Gordhanbhai Patel (1924-2005), Ernest Gellner (1925-1995), Peter Blain Kenen (1932-2012), Armin Gutowski (1930-1987) e János Fekete (1918-2009) como frequentavam a embaixada brasileira em Londres.

¹⁵ Segundo José Mario Pereira, a ligação de Merquior com os intelectuais liberais não se restringia apenas a Aron, Gellner ou Dahrendorf. Os sociólogos John Hall (1949-), Anthony Giddens (1938-), além do cientista político Pierre Manent (1949-), do filósofo Isaiah Berlin (1909-1997) e do historiador italiano Arnaldo Momigliano (1908-1987) “figuravam entre os importantes intelectuais com os quais [Merquior] manteve laços de amizade” (PEREIRA, 2001, p. 230).

¹⁶ Cujo resultado culminou na publicação da obra *Rousseau and Weber: Two Studies in the Theory of Legitimacy* (1980).

¹⁷ O primeiro dos *Encontros* foi realizado no dia 10 a 14 de setembro de 1979 no Centro de Convenções Ulysses Guimarães da UnB, a exatos doze dias da promulgação da Lei da Anistia, e recebeu o título de *Encontros Internacionais da UnB: Alternativas políticas, econômicas e sociais até o final do século XX*, e contou com a participação de mais de cinquenta intelectuais de diversos países e “cerca de mil participantes, na sua maioria, estudantes da UnB” (CARDIM, 2017, p. 103). Os principais responsáveis pela realização dos *Encontros* foram o reitor da UnB e militar José Carlos de Almeida Azevedo (1932-2010), conhecido publicamente como Almeida Azevedo, o cientista político e diplomata Carlos Henrique Cardim, então diretor

Encontros, o então diplomata Campos foi o presidente de honra do evento, inaugurando, assim, o conjunto das discussões. A participação de Campos nos eventos é tida como uma das mais importantes, pois contribuiu para a participação de prestigiados intelectuais, tanto nacionais, quanto internacional, como Raymond Aron (CARDIM, 2017).

Roberto Campos teve um papel decisivo na preparação de tão importante reunião acadêmica. Sugeriu nomes, principalmente os estrangeiros, e colocou sua amizade e prestígio para convidá-los com o eficiente aporte de José Guilherme Merquior. (CARDIM, 2017, p. 103)

O fio condutor do primeiro *Encontro*, realizado em 1979, foi a reflexão sobre as transformações ocorridas no cenário nacional, que vivenciava a abertura política com a Lei da Anistia (sancionada a exatos doze dias). Desta forma, segundo Cardim, as preocupações sobre as mudanças no regime militar e a abertura política davam a tônica das reflexões no evento.

No ano de 1979, sob a presidência de Ernesto Geisel e a liderança do senador Petrônio Portela [1925-1980], no Ministério da Justiça, o Brasil vivia processo, depois exitoso, mas à época pleno de incertezas e tensões, de abertura política e democratização. Uma obra de relojoaria e de coragem. Tinha impulsos político, mas era também uma abertura de ideias e de oxigenação do ambiente intelectual. Havia uma demanda de qualidade por ideias que dessem vida ao espaço de nova liberdade que se abria (CARDIM, 2017, p. 104)

Os *Encontros* ocorreram entre 1979 a 1983 e, desde o primeiro ano, havia o interesse de se construir um ambiente intelectual por meio do debate com pensadores e intelectuais de grande porte. Em 1979 o reitor Almeida Azevedo salientava aos participantes do primeiro dos *Encontros Internacionais* que nos anos subsequentes haveria outras atividades do gênero, e que “já estão acertadas as presenças de Karl Popper, Raymond Aron, John Kenneth, Karl Deutsch e Claude Lévi-Strauss” (ALMEIDA AZEVEDO, 1979, p. 01)¹⁸.

no Decanato de Extensão (DEX) e presidente da Editora da UnB, órgãos ligados à Reitoria, e o professor do Instituto de Ciências Sociais da UnB, Dr. Gentil Martins Dias.

¹⁸ A promessa de Almeida Azevedo se cumpriria nos anos seguintes, e a UnB receberia, então, inúmeros intelectuais reconhecidos internacionalmente, como o cientista político Karl Deutsch (1912-1992), o economista John Kenneth Galbraith (1908-2006), o advogado, professor de direito e ex-reitor da USP Miguel Reale (1910-2006), o cientista político francês Maurice Duverger (1917-2014), o cientista político italiano Norberto Bobbio (1909-2004), o cientista político norte-americano Robert Dahl (1915-2014), o professor da Universidade do Texas René Dubos (1901-1982), o cientista político italiano Giovanni Sartori (1924-1917), o político peruano Mario Vargas Llosa (1981-), o político brasileiro Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, o antropólogo Ernest Gellner (1925-1995), o filósofo Leszek Kolakowski (1927-2009), o cientista político David Apter (1924-2010) e o economista Friedrich Hayek (1899-1992). Cardim salienta que apenas três intelectuais não compareceram por motivos pessoais: Karl

Em 1980, Aron foi recepcionado no Aeroporto Internacional de Brasília pelo embaixador da França, Jean Béliard e pelo professor e diplomata Carlos Henrique Cardim. No primeiro dia de evento, estiveram presentes na mesa de debate ao lado de Aron, além dos que o recepcionaram em sua chegada, o professor Valmireh Chacon, o Reitor José Carlos de Azevedo e o Vice-Reitor da UnB Luiz Octávio de Souza, e, por fim, o diplomata Celso Lafer.

Em Brasília, Aron proferiu duas conferências na UnB, organizada em dois dias seguidos. O título da conferência do primeiro dia foi *Da Educação Política (De l'Education Politique)*, onde Aron apresenta a sua trajetória intelectual e política. No segundo dia, a conferência de Aron tratava de sua sociologia política, desenvolvida, em grande medida, nas obras *Dix-huit Leçons Sur la Societé Industrielle* (1962), *La Lutte des Classes* (1964), *Démocracie et Totalitarisme* (1965). Segundo Dias Júnior, as duas conferências de Aron, em Brasília, foram realizadas a partir dos “esboços que já escrevia para suas memórias” (DIAS JUNIOR, 2013, p. 143) publicadas na obra *Mémoires: 50 ans de réflexion politique* (1983).

Aron narra que, durante a juventude, foi pacifista e simpatizante dos movimentos de esquerda na França, mas que se afastou desses ideais quando presenciou alguns episódios radicais praticados por alguns movimentos de esquerda. Apesar de deixar de participar dos movimentos de esquerda durante a juventude, Aron continuou a estudar os temas ligados tanto ao pensamento da esquerda quanto do socialismo em geral, principalmente a economia e política. No seu entendimento, havia muitos jovens de sua geração que se lançavam ao debate público (ou pelo menos buscavam fazer isso) sem ter, necessariamente, conhecimentos básicos nas matérias discutidas. Esse cenário o deixava perplexo, uma vez que tal movimento pouco contribuía para aprofundar os debates sobre os temas em pauta (ARON, 1980).

Acho que essa decisão era mais razoável, pois, na época, eu decidia ser socialista sem saber o que era a economia, e me lembrei, logo depois, que sempre fiquei admirado da imprudência com que meus amigos filósofos formavam opiniões política sobre todos os assuntos sem dispor de nenhum conhecimento, por menor que fosse, dos problemas econômicos, dos problemas políticos, os quais se pode estudar, de uma certa maneira, cientificamente (ARON, 1980, p. 60).

Popper (1902-1994), Isaiah Berlin (1909-1997) e Ralf Dahrendorf (1929-2009) (CARDIM, 2017). Os autores concederam inúmeras entrevistas nesse período, algumas foram reunidas na obra *Ideias: Um Livro de Entrevistas* (1981), de Cora Ronái.

Aron observa que, entre 1930-33, período em que esteve na Alemanha após os seus estudos na *ENS*, presenciou a delicada situação alemã do Pós-Primeira Guerra Mundial. Na Alemanha, Aron tem contato aprofundado com a fenomenologia de Heidegger e com os escritos de Max Weber. A estadia também representou uma espécie de reconciliação entre a Alemanha e a França. Ao regressar para a sua pátria, buscou conversar com algumas figuras políticas sobre a situação vivenciada pela Alemanha, como a ascensão de Hitler e os perigos do Partido Nacional Socialista. Data desse período o encontro entre Aron e o então subsecretário de Estado M. Paganon, cujo conteúdo da conversa era a situação alemã. Aron salienta que esse encontro o marcou profundamente porque Paganon lhe perguntara o que ele faria se estivesse no lugar do Ministro das Relações Exteriores das França. A problemática do fazer político permeou todo pensamento de Aron à medida em que o autor se colocava como um *espectador engajado* dos acontecimentos de seu tempo.

O Sr. me fala de perigo. Bem, se o Sr. estivesse no seu lugar, o que o Sr. faria? Era muito mais simples para um normalista responder a esta pergunta que fazer uma análise brilhante sobre a situação da Alemanha, e a esta lição, pois era uma lição, naturalmente eu dei uma resposta, mas eu estava convencido entre a diferença entre fazer uma análise da situação e saber o que é preciso fazer quando se está no poder. (...) a maior parte do tempo, sendo jornalista, eu me fiz a pergunta de Paganon e a maior parte do tempo tentei raciocinar o que se poderia fazer no lugar daqueles que são ministros. Quer dizer, eu muito raramente fico satisfeito com análises brilhantes ou comentários mais ou menos convincentes que deixa de lado a questão política essencial: que fazer? (ARON, 1980, p. 62)

Aron comenta que, nesse período, concluiu a sua tese de doutorado intitulada *Introduction à la Philosophie de l'Histoire* e que seria defendida em 1938. De forma simples e sucinta, Aron salientou na UnB que a filosofia da história se propõe a refletir sobre as preocupações kantianas concernentes à escolha e à decisão, questões caras ao âmbito da esfera política. Deste modo, Aron salienta que, depois de estudar de modo sistemático a sociedade, deve-se escolher entre aceitá-la ou negá-la. Ao aceitar a sociedade em que vivemos, uma vez que nenhuma sociedade é perfeita, caberia, então, reformulá-la ou conservá-la; se se escolhe negá-la, exige-se que os homens construam ações orientadas para revolução. A decisão em torno da escolha entre qual postura adotar não diz respeito apenas o que seria melhor ou razoável, pois a decisão envolve, além de questões externas, ligadas ao mundo social, uma dimensão interna aos sujeitos: a decisão é sobre si mesmo, sobre seu próprio destino e existência no mundo.

A decisão não é somente a escolha de ser a favor ou contra um tipo de sociedade, é a decisão pela qual o indivíduo se engaja em uma causa determinada, em uma determinação ação, e esta decisão, me dizia eu, não é somente uma decisão exterior a si mesmo, é uma decisão sobre si mesmo. Nós nos fazemos pelas decisões que tomamos. E, na época, perseguido pelo nacional-socialismo e pelo risco de uma França nacional-socialista, eu dizia que se engajar numa política determinada é se engajar no se próprio destino, pois a política, que nos períodos tranquilos é um divertimento para os homens políticos, nos períodos sérios, trágicos, implica que a decisão de cada um seja uma decisão existencial sobre si mesmo, sobre seu destino, sobre o que ele quer ser e sobre o que ele será (ARON, 1980, p. 66)

No primeiro dia de conferência na UnB, Aron teceu alguns comentários sobre o também filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), que havia falecido em abril daquele ano. No evento na UnB, Aron dedicou a Sartre os melhores sentimentos e um profundo respeito tanto à sua obra filosófica quanto à sua personalidade.

Aron fora amigo de Sartre desde a juventude normalista, tendo-o aconselhado, nos anos trinta, a ir “à Alemanha para descobrir a fenomenologia, o que ele fez”. Sartre, antes de falecer, disse que “só tinha discutido sobre filosofia com uma pessoa, isto é, Aron” (Cf. ARON, 1980, pp. 66-67). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Aron participou da criação da revista de Sartre *Les Temps modernes*.

Em seguida, na sua fala, discute as razões que levaram à ruptura entre os dois.

Podemos começar pela pergunta: por que houve uma ruptura e o que significa essa ruptura no itinerário intelectual desta geração? Pois, até o momento, o que eu conto através de lembranças pessoais é um itinerário intelectual que é bastante típico de uma geração. De uma geração de normalistas que eram no princípio de esquerda, pacifistas, revoltados contra a guerra precedente e que muito se interessam e muito se interrogaram sobre o que significa o mundo novo e que atitude adotar em relação à guerra (ARON, 1980, p. 67)

Aron salientou que nos anos quarenta Sartre tinha afinidades com os comunistas. Todavia, ele não acreditava tanto no marxismo quanto no materialismo dialético como fonte de conhecimento, e por isso recebeu inúmeras críticas do Partido Comunista Francês devido a tais posturas. Apesar disso, o autor disse que Sartre podia ser compreendido também como um paracomunista.

Ele era paracomunista, porém não queria entrar para o partido, não aceitava o marxismo, não aceitava o materialismo histórico mas dava, de certa maneira, seu apoio ao progressismo marxista. Às vezes ele sofria ataques baixos e violentos vindos dos comunistas (ARON, 1980, p. 67)

A partir de 1944, as relações entre os aliados começaram a dar os primeiros sinais de divisões. Segundo Aron, as divergências entre a URSS e os Estados Unidos em relação ao mundo do Pós-Segunda Guerra Mundial, como a reconstrução da Alemanha, por exemplo, contribuiu, decisivamente, para o começo da ruptura entre ele e Sartre.

Aron aponta que, na época dos acontecimentos, fez uso de sua filosofia e escolheu se alinhar a favor das sociedades democráticas liberais. Essa decisão o deixou solitário, pois grande parte dos intelectuais escolheram defender o socialismo (real) e a URSS, como era o caso de Sartre. A cisão ideológica em relação à URSS ocorreu, no entanto, nos anos anteriores, a partir de 1939, época do pacto entre Stálin e Hitler de não-agressão.

Essa ruptura entre o mundo soviético e o mundo atlântico estava inscrita com antecedência na história e quando esta ruptura aconteceu, ao mesmo tempo, quase inevitavelmente, aconteceu a ruptura entre dois amigos anteriormente muito legados. Por quê? Pessoalmente, aplicava minha própria filosofia, eu escolhi entre os dois tipos de sociedade; a escolha inicial era: eu escolhi as sociedades democráticas e liberais e recusava o outro tipo de sociedade que eu não tinha jamais aceitado, mas que eu tinha compreendido imediatamente, totalmente, no momento em que Hitler e Stalin fizeram um acordo. E os grandes comunistas, com os quais eu mantinha relações nos anos 30, se tornaram insuportáveis para mim em 1939 (...). Eu tinha, pois, escolhido o tipo de sociedade ocidental e a partir de então eu era logicamente pró-europeu, pró-atlântico em função do argumento que me parece, ainda hoje, ao mesmo tempo simples e evidente: para manter o equilíbrio das forças na Europa, na época arruinada, era indispensável a presença americana (ARON, 1980, p. 67)

Sartre desaprovava veemente a escolha de Aron, e a ele dirige severas críticas. Sartre, nas palavras de Aron, era rigoroso em suas posições pró-União Soviética, e era autenticamente um homem de esquerda. Mas Aron ponderava que “sua obra é muito mais importante que seus acessos de raiva” (ARON, 1980, p. 68).

Sartre pensava totalmente diferente; para escolher entre os Estados Unidos e a União Soviética, ele escolhia a União Soviética, ele era orgulhosamente de esquerda, e tinha escolhido e ficado na esquerda, digamos, por decreto de princípio, decreto este que eu tinha aceitado quando era muito mais jovem, mais que tinha recusado desde há alguns anos. Para ele, ser pró-europeu, pró-atlântico era característica dos conservadores, do mau-caráter (ARON, 1980, p. 67-68)

Aron lembrava que Sartre era cordial e tímido nos ambientes públicos, um contraste com a energia que empregava na reflexão intelectual. A transformação em Sartre ocorria durante a reflexão e produção das ideias: “Ele não era violento nas discussões diretas,

frente a frente, ao contrário, era quase tímido nessas discussões. Mas quando estava sozinho diante de sua página em branco, era diferente, quase como Marx” (ARON, 1980, p. 68).

Aron concluiu o primeiro dia de conferência em Brasília tecendo comentários sobre o reencontro com Sartre em 1979. Aron salientou que o reencontro em torno dos refugiados vietnamitas não significou o reatamento dos laços afetivos com Sartre. Em parte, porque, segundo Aron, os dois estavam no limite da existência. Com essas últimas palavras, Aron conclui a conferência do primeiro dia:

No fim nós tivemos uma espécie de encontro em torno do problema dos refugiados vietnamitas, e pode-se dizer que houve quase uma reconciliação, mas a palavra não teve nenhum sentido, nós trocamos algumas palavras, mas estávamos todos dois muito velhos e não podíamos reiniciar o diálogo. O que nós podíamos era considerar, um e outro, que estes 30 anos de polêmicas políticas não tinham tanta significação. Cada um fez o que mais lhe agradou (ARON, 1980, p. 68).

No segundo dia de conferência, Aron apresentou suas reflexões sociológicas sobre a sociedade moderna, que era compreendida como *industrial*. Aron salienta que o conceito de sociedade industrial foi apresentado pela primeira vez pelo filósofo Saint-Simon (1760-1825), através do termo industrialismo. O industrialismo para Saint-Simon remetia ao surgimento das atividades produtivas e da construção das indústrias na sociedade moderna. Outro autor que, segundo Aron, se debruçou sobre o assunto foi também o filósofo Auguste Comte (1798-1857).

Aron ressaltou que foi Comte quem pela primeira vez utilizou o termo sociedade industrial. Segundo Aron, ele definiu a sociedade moderna como industrial porque compreendia que o objetivo principal dela era a produção. Com essa definição, Comte entendia que a sociedade moderna se distingue das tradicionais que, na maioria das vezes, eram voltadas para a esfera militar (ARON, 1980).

Augusto Comte foi, vocês sabem, um colaborador de Saint-Simon na sua juventude e ele utilizou não a noção de industrialismo, porém a de sociedade industrial para definir aquilo que ele considerava a sociedade moderna. A sociedade moderna, para ele, era a sociedade industrial, pois, na sua concepção, em cada sociedade há uma função, uma finalidade essencial. No passado, a atividade essencial era a atividade militar e, para ele, a sociedade moderna será definida pela atividade produtiva (ARON, 1980, p. 70).

Aron também salientou que tanto as reflexões de Alexis de Tocqueville quanto as de Max Weber contribuíram para a sua sociologia política. Junto com os argumentos de Comte, sobre a sociedade industrial, Aron aproxima a discussão de Tocqueville referente às sociedades democráticas, tidas como horizonte na era da modernidade. Para Tocqueville, as sociedades seriam, necessariamente, democráticas, mas poderiam ser liberais e prósperas ou despóticas e miseráveis. Ao aproximar esses dois autores, Aron constrói sua tipologia sobre a sociedade moderna, mediante o conceito de sociedade industrial.

O conceito de sociedade industrial para Aron é um *tipo ideal*, mecanismo metodológico proposto por Max Weber para a produção de conhecimento sociológico. O *tipo ideal* aroniano da sociedade industrial foi construído de modo heurístico, com traços gerais presentes na sociedade moderna. Com tal postura, Aron começa a defender o argumento que, apesar das diferenças entre a URSS e EUA, duas principais potências na Segunda Guerra Mundial, ambas participavam do mesmo tipo de sociedade, a industrial.

Eu diria, *grosso modo*, que a noção se aproxima principalmente do tipo ideal, com as reservas suplementares de que não é um tipo ideal que define o conjunto de uma sociedade. Não há mais sociedades, pois, eu posso dizer, é a sociedade industrial. Eu diria que as sociedades modernas que têm, entre outras finalidades, a produção, apresentam todas um certo número de traços, e o conjunto desses traços é suficiente para definir, ao menos para caracterizar, uma espécie de tipo ideal que eu chamo o da sociedade industrial (ARON, 1985, p. 71)

O *tipo ideal* de sociedade industrial, construído por Aron, era formado pela separação entre a empresa e a unidade familiar, utilização do conhecimento científico nas empresas para a realização da produção, e a existência de hierarquia e de autonomia decisiva na gestão das empresas. Deste modo, as duas grandes potências do Pós-Guerra Mundial estavam inscritas na sociedade industrial e as diferenças entre elas derivava das escolhas e instituições políticas. As diferenças ressaltadas são: na URSS havia economia planificada, monopólio do poder político pelo partido comunista e controle das fronteiras nacionais ao passo que, nos EUA, a economia era de mercado livre, com democracia e constituições liberais, o que permitia as alternâncias dos grupos ou partidos no poder político.

Aron salientou que definição sociológica de sociedade industrial não tinha denotação política, na medida em que era fruto da reflexão sistemática sobre as sociedades

modernas. Apesar disso, essa definição provocou inúmeras polêmicas, principalmente no âmbito da esquerda e dos pesquisadores das ciências humanas da URSS.

A utilização do conceito de sociedade industrial, para mim, não tinha ou não deveria ter uma significação ou indicação política. Porém, a utilização deste conceito desencadeou, o que é inevitável provavelmente no mundo aonde vivemos, uma polêmica de ordem política. Existe nos países soviéticos, pelo que sei, vários livros que são consagrados a refutar minha concepção da sociedade industrial. Mesmo na imprensa destinada ao grande público soviético o simples fato de utilizar o termo “sociedade industrial” é a demonstração, a prova de uma heresia em relação ao marxismo (ARON, 1980, p. 72)

As conferências de Aron ocorreram concomitantemente à publicação das obras *Paz e Guerra entre as nações* (1979), com prefácio de Valmireh Chacon, *Estudos Políticos* (1980), prefaciada por José Guilherme Merquior, e *O Ópio dos Intelectuais* (1980), com prefácio de Roberto Campos.

A esse respeito, Campos frisa que:

Coube-me o prazer de escrever o prefácio da tradução brasileira no livro de Aron, *L'opium des intellectuels*, publicada pela Universidade de Brasília. Escrito em 1955, o *Ópio dos intelectuais*, é de surpreendente atualidade para a conjuntura brasileira, quase 40 anos depois. Os mitos que Aron buscava desmistificar àquela altura – e hoje desmistificados à luz da falência econômica do coletivismo – eram o mito da *esquerda*, o mito da *revolução* e o mito do *proletariado*. No Brasil de hoje [1994], se substituímos a palavra ‘Revolução’ pela expressão, ainda que vaga, de ‘mudança’, e o mito do *proletariado* pela ‘opção pelos pobres’, estaremos de volta à mitologia de Aron, de 1955 (CAMPOS, 1994, p. 1024).

Em entrevista realizada pelo jornalista José Mário Pereira, o sociólogo Leandro Konder, o psicanalista Eduardo Mascarenhas, a literata Marília Pacheco Fiorillo, o cientista político Marcílio Marques Moreira, o historiador Paulo Sérgio Pinheiro e o jornalista Roberto D'Ávila no programa de televisão Canal Live, transmitido pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação no dia 17 de janeiro de 1982 e publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (24/01/1982), Merquior demonstra o seu entusiasmo com as publicações das principais obras de Aron em língua portuguesa.

Deu-me muito prazer ver que finalmente suas obras mais importantes de teoria política vêm sendo agora mais divulgadas entre nós. Aron é, de todos os liberais modernos, o liberal mais maduro. E por que mais maduro? Porque, no caso dele, talvez devido à sua formação de

sociólogo, a dimensão social do liberalismo moderno é muito acentuada. Ele não é apenas um neoliberal. Aron é um liberal que me parece muito mais completo, porque a sua preocupação com a liberdade e as liberdades, como ele prefere dizer, não esquece nunca não só os condicionamentos sociais destas liberdades como também o fato de que isto que nós chamamos de liberdade moderna é o resultado de uma síntese, a síntese democrático-liberal, como ele chama (MERQUIOR, 1982, p. 07)

O contato com o jornal *O Estado de S. Paulo* e com a Família Mesquita ocorreu por toda a vida de Aron. Na sua segunda visita ao Brasil, em 1980, após proferir suas conferências na UnB, ele seguiu para a cidade de São Paulo e foi recepcionado por Fernão Lara Mesquita, então diretor do caderno de *Cultura* do jornal paulistano. Na capital paulista, Aron proferiu também uma palestra no jornal *O Estado de S. Paulo*. Após as atividades, seguiu para Paris.

Em conclusão

A relação de Raymond Aron com os intelectuais brasileiros aqui discutidos foi marcada por atitudes recíprocas de admiração e respeito. Em entrevista à jornalista Cora Rónai (1953-), durante a segunda visita ao Brasil, Aron lembra que suas conferências sempre ocorriam na qualidade de “na condição de amigo do Brasil” (ARON, 1981, p. 68). Ainda em Brasília, em 1980, recordando da primeira visita realizada em 1962, Aron destaca seus sinceros votos para que o país se redemocratize e se estabilize politicamente, a exemplo de outras nações igualmente importantes.

Eu desejo, e espero, que haja uma liberalização progressiva do regime brasileiro, como ocorreu ao longo dos anos na Grécia, na Espanha e em Portugal (...). Da primeira vez em que estive no Brasil, em 1962, estava no governo o presidente João Goulart que, se havia sido aceito como vice-presidente, como chefe da Nação era considerado inaceitável pelas Forças Armadas. Não me pareceu, naquela época, que a situação estivesse mais estável do que hoje em dia. Enfim, a História jamais se escreve por linhas retas e de maneira contínua em direção ao melhor (ARON, 1981, p. 68)

Em contraste a Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide, que também estabeleceram contatos com parte da intelectualidade brasileira (e cujas influências são inegáveis tanto na antropologia quanto na sociologia), Aron *não teve a mesma acolhida* no universo das pesquisas realizadas nas universidades brasileiras. No entanto, é verdade que importantes nomes das ciências sociais brasileiras, como Florestan Fernandes, Fernando Henrique

Cardoso, Gilberto Freyre, Elisa Reis e Carlos Henrique Cardim (citando apenas alguns, mas sem prejuízos aos demais) imputam à Aron grande peso em suas respectivas formações intelectuais. Mesmo no campo das relações internacionais da UnB – instituição que por meio da Editora da UnB traduziu, para a língua portuguesa, algumas das principais obras de Aron –, e onde o trânsito dos intelectuais, embaixadores e diplomatas contribuiu para a construção do campo dos estudos das relações internacionais no Brasil, o pensamento de Aron encontrou também pouca recepção¹⁹. Apesar disso, o principal esforço de entendimento do pensamento de Aron foi realizado ainda no âmbito diplomático, como no caso dos diplomatas José Guilherme Merquior (1991) e Paulo Roberto de Almeida (2006).

Contudo, o pensamento de Aron encontrou pouca receptividade nas gerações posteriores de cientistas sociais, ilação traçada tendo em vista a pequena quantidade de pesquisas acadêmicas nas universidades brasileiras sobre o autor e seu pensamento – salvaguardado os trabalhos criativos de Sales de Lima (2005), Mei (2009), Dias Junior (2013), Camila Cristina (2013) e Franceschini (2014), realizados no âmbito dos programas de pós-graduação.

¹⁹ Realizamos a análise das dissertações e teses apresentadas no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UnB (1987-2016). Apenas 07 de 70 teses e 18 de 325 dissertações citam as obras de Aron nas pesquisas, como notas de rodapé explicativas ou como citações gerais junto com outros autores clássicos das relações internacionais. Acrescenta-se também que outras 07 teses e 21 dissertações só citaram as obras de Aron nas referências bibliográficas, sem apresentá-lo ao longo das pesquisas. Das 39 pesquisas de mestrado que citam Aron (18 ao longo do texto, e 21 nas referências bibliográficas), 37 foram realizadas a partir de 2002. Sobre o perfil dos 53 pesquisadores (39 mestrandos e 14 doutorados), apenas 23 haviam realizado a graduação em relações internacionais, e dentre esses 23 trabalhos apenas 10 de seus autores foram formados em RI pela UnB. Esse quadro denota uma relativa heterogeneidade institucional e de formação dos pesquisadores que citam a Aron, seja no corpo do texto ou na lista dos autores da referência bibliográfica. O aparecimento com maior peso das obras de Aron a partir de 2002 nas teses e dissertações, ainda que tímido, ocorre concomitantemente às políticas do MEC e INEP de regulamentação do campo das relações internacionais, seja no nível da graduação - com a criação do Padrelé e da literatura básica em relações internacionais, mediante a reedição dos autores clássicos das relações internacionais, publicadas anteriormente pela UnB na década de 1980, na coleção Pensamento Político -, seja da pós-graduação, com a publicação dos editais San Tiago Dantas de Apoio ao Ensino de Relações Internacionais e do Programa Renato Archer de Apoio à Pesquisa em Relações Internacionais (MIYAMOTO, 2010, 2003, 1999; VIGEVANI et al., 2016). Durante a década de 1980, durante a visita dos pensadores liberais à UnB, o campo das relações internacionais na UnB já se desenvolvia em ritmo acelerado e com relativa maturidade, cuja evidência é a publicação, em 1981, da obra *O parlamento brasileiro e as relações exteriores, 1826-1889* (1981) de Amado Luiz Cervo, que contém o resultado do esforço coletivo, realizado desde 1976, de alunos da graduação em relações internacionais e do Programa de Pós-Graduação em História, com ênfase em história das relações internacionais, além de contribuições dos docentes ligados ao tema das relações internacionais. Ainda na década de 80, Cervo publicava *A Política Externa Brasileira, 1822-1985* (1986), a consagrada obra *História da política externa do Brasil* (1992) e, nos anos 2000, a obra *Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros* (2000). Com essas obras, Cervo consolidou a chamada Escola de Brasília de relações internacionais (BERNAL-MEZA, 2016).

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Paulo Roberto (Org.) **O homem que pensou o Brasil**: Trajetória Intelectual de Roberto Campos. 1º ed. Appris, Curitiba, 2017.
- ALMEIDA, Paulo Roberto. **O Estudo das Relações Internacionais do Brasil**: um diálogo entre a diplomacia e a academia. LGE Editora. 2006.
- ARON, Raymond. **Études politiques**. Bibliothèq ed. Paris: Gallimard, 1973.
- ARON, Raymond. **L' opium des intellectuels** . Paris, Calmann-Lévy, 1980.
- ARON, Raymond. **La sociologie allemand contemporaine**. Paris, PUF, 1981.
- ARON, Raymond. **Mémoires**. Paris, Gallimard, 1983.
- ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Brasília, Ed. da Unb, 1980.
- ARON, Raymond. **Paix et guerre entre les nations**. Paris, Calmann-Lévy, 1962.
- ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Editora UnB. 1979.
- ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. São Paulo, SP; Brasília, DF: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNB. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1986.
- ARON, Raymond. **Pensar a Guerra: Clausewitz**. Brasília, Ed. da UnB, 1986.
- ARON, Raymond. **Penser la guerre: Clausewitz**. Paris, Gallimard, 1976.
- ARON, Raymond. **Une histoire du vingtième siècle**. Paris: Plon, 1995.
- BASTOS, Elide Rugai; ABRUCIO, Fernando; LOUREIRO, Maria Rita; REGO, José Marcio. **Conversas com sociólogos brasileiros**. Editora 34, São Paulo, 2006.
- BEAL, Marcos Antônio. **Entrevista com Fernando Henrique Cardoso**. pp.232-256. Rev. Política & Sociedade. v. 15, n. 34, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15n34p232/33266>>. Acessado no dia 21/05/2016.
- BERNAL-MEZA, Raúl. **Contemporary Latin American thinking on International Relations: theoretical, conceptual and methodological contributions**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 59, n. 1, e005, 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003473292016000100205&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 mai. 2017.
- CAMPOS, Roberto. **A lanterna na popa**: Memórias. Topbooks, Rio de Janeiro, 1994.
- CAMPOS, Roberto. **Elogio ao Bandeirante**. O Estado de S. Paulo (22/07/1969), p. 04. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.
- CAMPOS, Roberto. **Lanterna na Popa**: As leis da política. Folha de S. Paulo. 19/12/1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1912199902.htm>>, acessado em: 01/05/2016.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Gilberto Freyre, perene**. O Estado de S. Paulo 05/08/2010. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,gilberto-freyre-perene,590481>>. Acessado em: 12/01/2017.

CERVO, Amado Luiz. **Conceito Versus ideologia em relações internacionais**. Fundação Alexandre Gusmão; Thesaurus Editora. Brasília. 2009.

CERVO, Amado Luiz. **Conceitos em Relações Internacionais**. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 51, n. 2, p. 8-25, Dec. 2008b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292008000200002&lng=en&nrm=iso>, acessado em 10/10/2016.

CERVO, Amado Luiz. **Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros**. São Paulo, SP: Saraiva, 2008.

CERVO, Amado Luiz. **O parlamento brasileiro e as relações exteriores (1826-1889)**. Coleção Temas brasileiros. v.21. Brasília, DF: Editora da UnB, 1981.

CERVO, Amado Luiz. **Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático**. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 46, n. 2, p. 5-25, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000200001&lng=en&nrm=iso>, acessado em 10/10/2016.

CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001.

CERVO, Amado Luiz. **Sob o signo neoliberal: as relações internacionais da América Latina**. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 43, n. 2, p. 5-27. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000200001&lng=en&nrm=iso>, acessado em 10/10/2016.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **A política externa brasileira, 1822-1985**. São Paulo, SP: Ática, 1986.

CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília, DF: UnB, 2012.

CORREIO DA MANHÃ. **Aron diz que marxismo é obstáculo à coexistência**. 14/09/1962, p. 03. Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, acessado em: 12/03/2017.

CORREIO DA MANHÃ. **Informação**. 15/09/1962, p. 09. Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, acessado em: 12/03/2017.

CORREIO DA MANHÃ. **Professor da Sorbonne vem ao Brasil**, 09/08/1962, p. 04. Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, acessado em: 12/03/2017.

CORREIO DA MANHÃ. **Raymond Aron chega para dar conferências**. 13/09/1967, p. 03. Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital

Brasileira. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>, acessado em: 12/03/2017.

DIAS JUNIOR, Antonio Carlos. **A sociologia política de Raymond Aron**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2013.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **Questão de Cuba: a política externa independente e a crise dos mísseis**. (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107267>>, acessado em: 01/05/2016 as 01h30.

ENCONTROS INTERNACIONAIS NA UNB. Alternativas políticas, econômicas e sociais até o final do século. Editora de Brasília, 1980.

FRANCESCHINI, Adilson. **A concepção de história de Raymond Aron: um estudo crítico do Introduction à la philosophie de l'histoire (1938)**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FRANCHINI NETO, Hélio. **A Política Externa Independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962**. Rev. bras. Polít. int., Brasília, v. 48, n. 2, p. 129-151, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292005000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 06 de setembro de 2016.

HERZ, Mônica. **O Crescimento da área de relações internacionais no Brasil**. Revista Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p.7-40, 2002, disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2017.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. Touchstone, New York, 1994.

LAPOUGE, Gilles. **Na França, recorda-se a USP**. O Estado de S. Paulo. 14/07/1969, p. 10. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

LIMA, Laura Morais Sales de. **A Política Externa Norte-Americana para a Indonésia: O Caso Timor Leste (1975-1999)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro (RJ), 2005.

LOUREIRO, Felipe Pereira. **Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962)**. Econ. soc., Campinas, v. 22, n. 2, p. 547-576. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182013000200009&lng=en&nrm=iso>, acessado em 17/05/2017.

LUIS, Camila Cristina Ribeiro. **Ao mar, navegar é preciso: o pensamento estratégico da Marinha vis-a-vis à política externa brasileira**. 2013. 142 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96027>>. Acessado em: 01/05/2017, as 02h01.

MANZUR, Tânia Maria P. G. **A política externa independente (PEI): antecedentes, apogeu e declínio**. Lua Nova, São Paulo, n. 93, p. 169-199, 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000300007&lng=en&nrm=iso>, acessado em 05/05/2017, as 00h01.

MEI, Eduardo. **Teoria da história e relações internacionais**: Dos limites da objetividade histórica à história universal em Raymond Aron. Dissertação. Tese (Doutorado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho (UNESP), Franca, 2009.

MERQUIOR, Jose Guilherme. **O liberalismo: antigo e moderno**. Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1991.

MERQUIOR, José Guilherme. **Não tenho vínculos com o poder**. O Estado de S. Paulo. 24/01/1982, pp. 06-07. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

MIYAMOTO, Shiguenoli. As relações internacionais como área do conhecimento. In POSSAS, Lídia Vianna; SALA, José Blanes. (Org). **Novos atores e relações internacionais**. Cultura Acadêmica: Oficina universitária, Marília, SP, 2010.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas**. Revista de Sociologia e Política, 20: 103-114, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n20/n20a9.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **O estudo das relações internacionais no Brasil: O estado da arte**. Revista de Sociologia Política, v. 12, p. 83-98, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n12/n12a05.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Brasília oferece novo curso**. Edição: 07/12/1973, p. 18. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Relações internacionais pode ser curso da UnB em 1975**. Edição: 07/04/1974, p. 28. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **A nação: Uma semana**. 13/05/1962, p. 06. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Chega ao Rio o sociólogo Raymond Aron**. 13/09/1962, p. 07. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Hermes Lima recebeu Raymond Aron**. 20/09/1962, p. 09. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Mestre Francês aguardado hoje no Rio**. 12/09/1962, p. 06. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Prêmio dos Embaixadores a Raymond Aron**. 18/10/1962, p. 10. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Raymond Aron fará conferências no Brasil**. 13/08/1962, p. 07. Acervo Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>. Acesso em: 02 mai. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO. **Instituições em frangalhos**. 13/12/1968, p. 02. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,instituicoes-em-frangalhos,1146321>>. Acessado em: 02/01/2017.

PEREIRA, José Mário. O Fenômeno Merquior. SILVA, Alberto da Costa. **O Itamaraty na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, RJ. Francisco Alves, 2002.

RAYMOND ARON NA UNB: conferencias e comentários de um Simpósio Internacional realizado de 22 a 26 de setembro de 1980. Editora da UnB, Brasília, 1980.

REIS, Elisa Pereira. **Sociologia política e processos macro-históricos**. Sociologias, Porto Alegre, v. 17, n. 38, p. 18-43, Apr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222015000100018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20/02/2017.

RÓNAI, Cora. **Ideias**: um livro de entrevistas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, (Cadernos da UnB), 1981.

VIGEVANI, Tullo; THOMAZ, Laís Forti; LEITE, Lucas Amaral Batista. **Pós-Graduação em Relações Internacionais no Brasil: Anotações sobre sua institucionalização**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Volume 31, N° 91. 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092016000200504&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 mai. 2017.

YALE UNIVERSITY LIBRARY DIGITAL REPOSITORY. **Henry A. Kissinger papers, part II. Series I**. Early Career and Harvard University, Box: 280 Folder: 5. Acessado em <<http://findit.library.yale.edu/catalog/digcoll:563953>>. Disponível em: 01 de maio de 2016, as 23h02.

YALE UNIVERSITY LIBRARY DIGITAL REPOSITORY. **Henry A. Kissinger papers, part II. Series I**. Early Career and Harvard University. Acessado em: <<http://findit.library.yale.edu/catalog/digcoll:558658>>, disponível em: 01 de maio de 2016, as 23h02.

YALE UNIVERSITY LIBRARY DIGITAL REPOSITORY. **Henry A. Kissinger papers, part II. Series I**. Early Career and Harvard University. Box, 221, Folder: 01. American Consulte General, Recife (PE), n° 190. Subject: Visit of Dr. Henry Kissinger to Recife, June 14-16, 1962. Foreign Service Dispatch. The Department of State, Washington (D.C.). Acessado em <<http://findit.library.yale.edu/catalog/digcoll:2222953>>. Disponível em: 01 de maio de 2016, as 23h02.

YALE UNIVERSITY LIBRARY DIGITAL REPOSITORY. **Henry A. Kissinger papers, part II. Series Title: Series III. Post-Government Career**. Box: 713 Folder: 9. Folder. Foreword to Memoirs: Fifty Years of Political Reflection by Raymond Aron, Jan 1990. Acessado em <<http://findit.library.yale.edu/catalog/digcoll:56390003>>. Disponível em: 01 de maio de 2016, as 23h02.